Observatorio (OBS*)

Received: 2026-07-12 | **Accepted:** 2026-10-14 | **Published:** 2026-11-18 | **DOI**: 10.15847/OBS20262957

A representação mediática do corpo de Nelly Furtado na imprensa digital portuguesa: enquadramentos, body shaming e circulação de conteúdos de plataformas

The media representation of Nelly Furtado's body in Portuguese digital press: frames, body shaming and circulation of platform content

João Monteiro de Matos

Interdisciplinary Centre for Gender Studies (CIEG)

ISCSP - University of Lisbon

Lisbon, Portugal

Resumo

Este artigo analisa como a imprensa digital portuguesa enquadrou o corpo de Nelly Furtado e incorporou conteúdos de redes sociais online em notícias sobre a aparência da artista. Adota-se um caso instrumental e análise qualitativa temática de conteúdo. Um rastreio intencional por palavras-chave, realizado em junho de 2026 sem delimitação temporal prévia, reteve 20 de 58 ocorrências, publicadas entre 2010 e 2025. Um único investigador codificou o corpus com codebook, duas leituras, regras hierárquicas e rasto auditável. Controvérsia/body shaming e resposta/aceitação/confiança representam, cada um, 30% das peças. Quanto às plataformas, 35% recorrem a publicações da artista, 25% a recontextualização intermedia, 10% a comentários e 30% não apresentam incorporação substantiva. A denúncia do body shaming pode coexistir com a reprodução de insultos, e mensagens de autoaceitação podem ser reinscritas em comparações visuais. Propõe-se a noção de circuito de reenquadramento corporal para descrever a transformação recursiva de comentários, publicações e notícias anteriores em nova evidência jornalística.

Palavras-chave: body shaming, celebridade, enquadramento, imprensa digital, redes sociais online, representação do corpo

Abstract

This article examines how Portuguese digital news media framed Nelly Furtado's body and incorporated social media content into appearance-focused stories. It adopts an instrumental case study and qualitative thematic content analysis. A purposive keyword search conducted in June 2026, with no predefined period, retained 20 of 58 records published between 2010 and 2025. One researcher coded the corpus using a codebook, two readings, hierarchical rules, and an audit trail. Controversy/body-shaming and response/acceptance/confidence each account for 30% of the articles. Regarding platforms, 35% rely on the artist's posts, 25% on intermedia recontextualisation, 10% on comments, and 30% contain no substantive incorporation. Condemnation of body shaming may coexist with the reproduction of insults, while self-acceptance messages may be reinscribed within visual-comparison logics. The article proposes the concept of a body-reframing circuit to describe the recursive transformation of comments, posts, and earlier news into new journalistic evidence.

Keywords: body shaming, celebrity, framing, digital press, online social media, body representation

1. Introdução

A visibilidade pública do corpo feminino permanece central na cultura mediática quando a aparência se converte em critério de reconhecimento e valor. Os estudos feministas dos média mostram que as representações participam na normalização de hierarquias de género, tornando o corpo mais visível do que a competência ou a intervenção pública (Gill, 2007; Lazar, 2007). A teoria da objetificação explica a socialização das mulheres sob um olhar externo continuado (Fredrickson & Roberts, 1997). Nos ambientes digitais, imagens, comentários e métricas tornam esse escrutínio persistente e recirculável (van Dijck & Poell, 2013; Vandenbosch et al., 2022).

Nas celebridades femininas, o corpo adquire especial saliência porque a imagem pública é um recurso de reconhecimento e circulação. A exposição a imagens celebrizadas pode intensificar a comparação da aparência e a adesão a ideais corporais estreitos (Brown & Tiggemann, 2022; Saunders et al., 2025). Peso, envelhecimento, roupa, silhueta, gravidez presumida, confiança ou resistência às críticas podem, assim, ser convertidos em acontecimentos jornalísticos, mesmo quando a atividade profissional oferece outros focos possíveis.

Esta transformação do corpo em acontecimento é especialmente relevante para os estudos de *framing*. Goffman (1974) entende os enquadramentos como princípios que organizam a experiência; Gitlin (1980) salientou padrões persistentes de seleção e ênfase; Gamson e Modigliani (1989) mostraram a importância dos pacotes interpretativos; e Entman (1993) sistematizou o enquadramento como seleção e saliência capaz de definir problemas, causas, avaliações e respostas. Aplicado ao corpo feminino, este quadro permite perguntar quais dimensões são tornadas salientes, com que léxico, comparações e vozes.

A análise complexifica-se quando o jornalismo digital incorpora comentários de utilizadores, publicações da própria celebridade e declarações já recirculadas por outros órgãos. As lógicas de visibilidade e conectividade das plataformas reconfiguram as relações entre produção jornalística e conteúdos publicados noutros ambientes (van Dijck & Poell, 2013; van Dijck et al., 2018). Em notícias sobre aparência, emerge uma tensão: a peça pode condenar o *body shaming* e, ao mesmo tempo, reproduzir insultos, estabilizar a controvérsia e ampliar o escrutínio (Muir et al., 2021).

A cantora, compositora e produtora luso-canadiana Nelly Furtado constitui um caso produtivo para observar a articulação entre corpo, celebridade, jornalismo e plataformas. Com uma carreira pop transnacional iniciada no final da década de 1990 e uma ascendência portuguesa frequentemente mobilizada pelos média nacionais, a artista combina reconhecimento global e proximidade simbólica no espaço mediático português. O rastreio deste estudo revela, porém, uma cobertura que autonomiza o seu corpo como objeto noticioso, através de expressões sobre peso, curvas, diferença visual, ataque, irreconhecibilidade, amor-próprio e confiança. O caso permite observar como um mesmo corpo é sucessivamente organizado por molduras de avaliação, transformação, controvérsia e resposta.

Apesar da consolidação internacional da investigação sobre objetificação, estigma de peso, imagem corporal e *appearance-shaming*, permanecem insuficientemente articuladas três dimensões: o enquadramento jornalístico do corpo de uma celebridade feminina; a circulação de comentários e publicações entre plataformas e redações; e as especificidades do contexto mediático português. Os estudos lusófonos têm demonstrado a reprodução de normas de género, erotização e violência simbólica em publicidade, memes e experiências de violência online (Mota-Ribeiro, 2002; Oliveira-Cruz & Isaia, 2022; Pinto-Coelho & Mota-

Ribeiro, 2012; Simões et al., 2022), mas não foi identificada uma análise longitudinal que examine, num mesmo caso, como a imprensa digital portuguesa transforma o corpo celebrizado e os conteúdos de plataforma em acontecimentos noticiosos. É esta lacuna empírica e conceptual que o artigo procura preencher.

O artigo responde a duas questões: QI1. Como é que a imprensa digital portuguesa enquadrou o corpo de Nelly Furtado? QI2. De que modo os conteúdos de redes sociais online são incorporados nas notícias sobre o corpo de Nelly Furtado? A primeira orienta a identificação dos enquadramentos dominantes; a segunda examina os mecanismos de incorporação de comentários, publicações da artista e conteúdos já mediatizados.

O texto segue uma estrutura ILMRDC: revisão da literatura, método, resultados, discussão e conclusão. A análise empírica apresenta a distribuição das categorias e, sobretudo, uma leitura aprofundada sustentada por evidências textuais das notícias.

2. Revisão da literatura

2.1. Framing e enquadramento noticioso: da tradição clássica à operacionalização do corpo

A noção de enquadramento tem raízes interdisciplinares. Goffman (1974) descreve os frames como esquemas que organizam a experiência e tornam alguns elementos mais reconhecíveis do que outros. No jornalismo, Gitlin (1980) destacou padrões persistentes de seleção, ênfase e exclusão; Gamson e Modigliani (1989) conceptualizaram pacotes interpretativos compostos por metáforas, exemplos, imagens e palavras-chave; e Entman (1993) definiu o enquadramento como seleção e saliência que pode definir problemas, atribuir causas, formular avaliações morais e sugerir respostas. Estas contribuições permitem analisar a notícia como estrutura interpretativa, não como simples soma de palavras isoladas.

A operacionalização do framing exige indicadores observáveis. Neste artigo, os enquadramentos são identificados pela combinação entre título, lead, tema principal, léxico corporal, comparações temporais, vozes citadas e solução narrativa predominante. A unidade de análise é a peça completa, com atenção especial ao título enquanto ponto de máxima saliência. A classificação dominante admite molduras secundárias, mas identifica a estrutura que melhor organiza a notícia.

A literatura sobre enquadramentos corporais liga a teoria geral ao objeto empírico. Aubrey (2010) distingue mensagens centradas em "parecer bem" e "sentir-se bem"; Binder et al. (2021) contrapõem enquadramentos de aparência e de saúde. Estas contribuições sustentam a distinção entre avaliação estética, peso/forma física e aceitação/confiança. A transformação/comparação temporal decorre ainda da recorrência empírica de expressões como "diferente", "novo visual", "irreconhecível" e "antes e depois".

O modelo combina categorias dedutivas e sensibilidade indutiva. Da tradição de *framing*, dos estudos sobre aparência e da literatura sobre estigma derivam cinco enquadramentos dominantes: aparência/avaliação estética; peso/forma física; transformação/comparação temporal; controvérsia/*body shaming*; e resposta/aceitação/confiança. As regras de decisão e os indicadores são explicitados no método.

2.2. Corpo feminino, objetificação, estigma de peso e body shaming

Uma abordagem feminista permite compreender a representação mediática como prática de poder. Gill (2007) assinala que os média contemporâneos podem combinar sexualização, escolha individual e linguagem de empoderamento sem abandonar a avaliação disciplinadora do feminino. Lazar (2007) acrescenta que a crítica feminista do discurso deve tornar visíveis as relações de poder naturalizadas em textos aparentemente quotidianos. Nesta perspetiva, escolher a aparência de uma mulher como principal valor-notícia não é uma operação neutra: hierarquiza dimensões da identidade pública e converte o corpo em superfície de avaliação social.

A teoria da objetificação explica um dos mecanismos dessa hierarquização. Fredrickson e Roberts (1997) mostram que contextos marcados por avaliação estética incentivam um olhar externo sobre o próprio corpo. Quando a notícia privilegia "curvas", "quilinhos", "barriga", "novo visual" ou "antes e depois", a aparência deixa de ser um atributo entre outros e passa a organizar o acontecimento. A revisão de Santoniccolo et al. (2023) confirma a persistência de estereótipos de género, sexualização e objetificação nas representações mediáticas. Nas celebridades, avaliações positivas — "mais bonita do que nunca" — e negativas — "gorda", "feia", "barriguda" — podem, por isso, partilhar a mesma centralidade estética.

O contexto lusófono evidencia a dimensão histórica e cultural deste regime visual. Na imprensa feminina portuguesa, Mota-Ribeiro (2002) mostrou que a erotização publicitária do corpo reforça uma visão socialmente diminuidora do feminino; Pinto-Coelho e Mota-Ribeiro (2012) demonstraram também como estratégias visuais podem reproduzir ordens de género hegemónicas. Embora o presente corpus seja jornalístico e não publicitário, estes estudos permitem tratar títulos, escolhas lexicais e comparações visuais como operações que atribuem posições sociais ao feminino. O poder simbólico atua precisamente quando classificações historicamente construídas adquirem aparência de evidência legítima (Bourdieu, 1989).

Os padrões de beleza oferecem a norma contra a qual essas classificações são produzidas. Wolf (1991) conceptualiza o ideal de beleza como mecanismo de disciplina social das mulheres; Chocano (2020) acompanha a persistência desses modelos na cultura popular; e Pussetti (2021, 2024) relaciona os regimes contemporâneos de perfeição com privilégios e desigualdades estruturais. A "pressão estética" não designa, assim, apenas desconforto individual: refere-se a uma exigência social de aproximação a um corpo feminino jovem, magro, controlado e continuamente aperfeiçoável. Sanches (2023) sublinha, noutro domínio empírico, a força potencialmente patogénica das imagens mediáticas idealizadas.

O estigma de peso aprofunda esta problemática. Puhl e Heuer (2009) descrevem estereótipos e culpabilização moral associados a pessoas gordas ou percecionadas como tal; Kite et al. (2022) confirmam a persistência da estigmatização do peso nos média; e Rao et al. (2024) mostram a sua dimensão visual nas notícias online. Em contexto brasileiro, Jimenez-Jimenez (2020) conceptualiza a gordofobia como injustiça epistemológica que desautoriza a experiência de corpos gordos, enquanto Oliveira-Cruz e Isaia (2022) identificam, em memes, a articulação entre pressão estética, gordofobia, violência estrutural e violência de género.

O *body shaming* é aqui entendido como comentário não solicitado, depreciativo ou humilhante dirigido ao corpo ou à aparência (Schlüter et al., 2023). Ouvrein (2023) relaciona o *appearance-shaming* de celebridades com normas de género; Smith (2007) descreve a comunicação do estigma como processo de marcação e rotulagem. Lida através de Bourdieu (1989), a repetição pública de classificações corporais pode

operar como violência simbólica: transforma uma relação social de poder numa descrição aparentemente natural do corpo. A reprodução jornalística de insultos torna-se, por isso, ambivalente, pois pode condená-los e simultaneamente reiterar as categorias que tornam o estigma reconhecível.

A dimensão digital aumenta a escala e a persistência dessa violência. Redes sociais online intensificam o estigma através da velocidade, visibilidade e facilidade de comentário (Clark et al., 2021), e o *online body shaming* pode tornar-se socialmente normalizado (Novotný et al., 2025). Em Portugal, Simões et al. (2022) mostram que a violência online contra as mulheres assume modalidades diversificadas e deve ser entendida no quadro das desigualdades de género, não como simples soma de incidentes individuais. Para o jornalismo, comentários dispersos podem ser selecionados, transcritos e organizados como evidência de uma "polémica", transformando conteúdo de plataforma em fonte e justificação da noticiabilidade.

2.3. Plataformas, circulação jornalística, body positivity e body neutrality

A cobertura contemporânea desenvolve-se numa ecologia em que conteúdos circulam entre plataformas, redações e públicos. Van Dijck e Poell (2013) destacam programabilidade, popularidade, conectividade e dataficação; van Dijck et al. (2018) mostram como infraestruturas digitais condicionam práticas institucionais. Publicações pessoais, comentários e conteúdos já difundidos por outros meios podem, assim, adquirir valor noticioso pela visibilidade e potencial de recirculação.

Muir et al. (2021) sublinham a ambivalência do jornalismo perante a humilhação pública: denunciar pode coexistir com repetir o conteúdo ofensivo. No corpus, observam-se três mecanismos de incorporação: comentários de utilizadores; publicações da artista; e *recontextualização intermedia de conteúdo previamente mediatizado*. Esta última expressão é um rótulo operacional, não um conceito teórico autónomo, e designa situações em que um órgão constrói a peça a partir de material já selecionado e difundido por outro meio, acrescentando nova ênfase editorial.

A centralidade visual da aparência pode coexistir com discursos de resistência. Cohen et al. (2021) descrevem o *body positivity* como repertório de aceitação que desafia ideais estreitos; Mancin et al. (2024) analisam a *body neutrality*, que procura deslocar o valor do corpo para além da avaliação estética. Neste estudo, ambos funcionam como repertórios internos à categoria "resposta/aceitação/confiança" e só são assinalados quando a notícia reproduz explicitamente linguagem de amor-próprio, individualidade, neutralidade corporal ou confiança.

Esta opção evita confundir movimentos discursivos com categorias jornalísticas diretamente observáveis e permite comparar peças que partem do mesmo conteúdo, mas produzem enquadramentos diferentes. O exemplo central é uma publicação feita por Nelly Furtado na sua conta oficial de Instagram, em 5 de janeiro de 2025, composta por duas fotografias em biquíni e uma legenda que propõe um "body neutral 2025" e descreve a pressão estética sentida pela artista (Furtado, 2025). A publicação pode ser consultada em https://www.instagram.com/p/DEcgyN-Rfge/. No corpus português, o mesmo conteúdo foi apresentado como autoaceitação pelo *Jornal de Notícias* (C12, 5 de janeiro de 2025) e reenquadrado pela *Flash!* como prova de que a cantora "nem parece a mesma" (C13, 6 de janeiro de 2025).

A literatura conduz a uma tensão analítica: a passagem do insulto à autoaceitação pode mudar a voz dominante sem retirar o corpo do centro da narrativa. As plataformas, contudo, não operam apenas como espaços de agressão. Podem sustentar repertórios de resistência e mobilização feminista, tornando

experiências de violência reconhecíveis e contestáveis (Soares & Mazzarino, 2024). A questão analítica é, portanto, perceber o que acontece quando esses repertórios entram no circuito jornalístico e são reorganizados por títulos, imagens e comparações.

3. Método

3.1. Desenho, técnica de análise e constituição do corpus

A investigação segue um desenho de caso instrumental, segundo Stake (1995): um caso particular é analisado para compreender um problema mais amplo. Nelly Furtado constitui a unidade de caso; o problema analítico é a construção jornalística do corpo feminino celebrizado e a integração de conteúdos de redes sociais online. A seleção assenta na delimitação clara da figura pública, na sua relevância simbólica em Portugal, na recorrência de cobertura corporal e na disponibilidade de peças verificáveis em acesso aberto.

A única técnica de análise é a análise qualitativa temática de conteúdo. "Temática" indica codificação por padrões de sentido recorrentes; "de conteúdo" sublinha a sistematização de unidades, categorias, regras e inferências (Neuendorf, 2017; Krippendorff, 2018). Cada peça constitui uma unidade de análise, observando-se título, *lead*, corpo textual, léxico corporal, vozes citadas, referências a plataformas e solução narrativa predominante.

O corpus foi constituído em 4 de junho de 2026 por meio de uma pesquisa exploratória, intencional e orientada por palavras-chave. Não se tratou de pesquisa aleatória nem de amostragem probabilística. Em motores de pesquisa generalistas e nos mecanismos internos dos websites noticiosos, combinou-se "Nelly Furtado" com "corpo", "peso", "forma física", "curvas", "aparência", "novo visual", "gorda", "body shaming", "confiança" e "antes e depois". As páginas de resultados foram examinadas até deixarem de surgir peças elegíveis novas; foram ainda verificadas ligações sugeridas pelas próprias notícias, num procedimento de encadeamento destinado a localizar republicações e recontextualizações.

O intervalo 2010–2025 não foi definido antecipadamente: emergiu das datas da peça elegível mais antiga e da mais recente recuperadas no rastreio aberto. Das 58 ocorrências inicialmente registadas, 20 permaneceram após remoção de duplicados e aplicação dos critérios de elegibilidade. Foram incluídas peças de websites portugueses, com texto editorial próprio e centralidade explícita do corpo ou da aparência no título, *lead* ou estrutura principal. Excluíram-se notícias sobre concertos, carreira ou vida pessoal em que o corpo era lateral, páginas de arquivo sem desenvolvimento, agregações automáticas, duplicados e republicações sem intervenção editorial identificável.

Constituem objeto de análise nove meios de comunicação social em formato online: *Correio da Manhã* (sete peças, publicadas entre 2010 e 2025), *Flash!* (quatro, 2017–2025), *MAGG* (duas, 2024–2025), *24Horas* (duas, 2025), *Jornal de Notícias* (uma, 2025), *Lux* (uma, 2025), *Nova Gente* (uma, 2025), *ON FM* (uma, 2024) e *RFM* (uma, 2024). A diversidade inclui imprensa generalista, publicações de celebridades e páginas associadas a rádios; o estudo não pretende comparar linhas editoriais, mas observar regularidades e variações no conjunto intencional de peças recuperadas.

A Tabela 1 reúne as 20 peças num único corpus. A ordem cronológica facilita a leitura, e os identificadores C01–C20 sustentam a análise empírica sem duplicar as notícias na lista de referências. Cada título contém uma hiperligação ativa para a peça correspondente.

Tabela 1: Corpus de 20 peças centradas no corpo de Nelly Furtado na imprensa digital portuguesa

ID / data	Órgão	Título (hiperligação)	Enquadramento dominante	Modalidade de conteúdo de plataforma
C01 2010-09-01	*Correio da Manhã*	Nelly Furtado: Rumores de nova gravidez	Peso/forma física	P0 - sem incorporação relevante
C02 2015-09-16	*Correio da Manhã*	Nelly Furtado surpreende com curvas	Aparência/avaliação estética	P0 - sem incorporação relevante
C03 2017-03-21	*Correio da Manhã*	Nelly Furtado reaparece com novo visual e uns quilinhos a mais	Peso/forma física	P0 - sem incorporação relevante
C04 2017-06-29	*Correio da Manhã*	Nelly Furtado ousada em palco sem vergonha de curvas avantajadas	Peso/forma física	P0 - sem incorporação relevante
C05 2017-07-05	*Flash!*	Nelly Furtado: ela está tão diferente	Transformação/comparação temporal	P0 - sem incorporação relevante
C06 2023-05-11	*Flash!*	Depois de anos de reclusão, Nelly Furtado volta à ribalta e está mais bonita do que nunca	Aparência/avaliação estética	P0 - sem incorporação relevante
C07 2024-05-24	*MAGG*	Nelly Furtado alvo de críticas devido ao seu peso. "Parece-me gorda e muito grande"	Controvérsia/body shaming	P1 - comentários de utilizadores
C08 2024-05-24	*Correio da Manhã*	Corpo de Nelly Furtado duramente criticado. Saiba porquê	Controvérsia/body shaming	P3 - recontextualização intermedia
C09 2024-05-24	*Flash!*	Nelly Furtado volta a ser atacada devido à forma física numa altura em que atua em Portugal	Controvérsia/body shaming	P3 - recontextualização intermedia
C10 2024-05-24	*ON FM*	Corpo de Nelly Furtado está a ser alvo de críticas	Controvérsia/body shaming	P3 - recontextualização intermedia
C11 2024-05-27	*RFM*	"Velha", "gorda", "feia", "barriguda". As críticas a Nelly Furtado	Controvérsia/body shaming	P3 - recontextualização intermedia
C12 2025-01-05	*Jornal de Notícias*	Nelly Furtado mostra-se de biquíni para promover aceitação do próprio corpo	Resposta/aceitação/confiança	P2 - publicação da artista
C13 2025-01-06	*Flash!*	Nelly Furtado exibe as curvas sem vergonhas… só que nem parece a mesma!	Transformação/comparação temporal	P2 - publicação da artista
C14 2025-01-07	*Correio da Manhã*	Nelly Furtado exibe corpo e fala de amor-próprio e confiança	Resposta/aceitação/confiança	P2 - publicação da artista
C15 2025-08-10	*24Horas*	Corpo atacado por fãs! Nelly Furtado surge irreconhecível em concerto de milhares	Controvérsia/body shaming	P1 - comentários de utilizadores
C16 2025-08-17	*24Horas*	Nelly Furtado cala os críticos sobre o seu corpo	Resposta/aceitação/confiança	P2 - publicação da artista
C17 2025-08-18	*Correio da Manhã*	Nelly Furtado responde a críticas sobre o seu corpo: "Nunca me senti tão confiante"	Resposta/aceitação/confiança	P2 - publicação da artista
C18 2025-08-20	*Lux*	Nelly Furtado responde às críticas sobre o peso e	Resposta/aceitação/confiança	P2 - publicação da artista

ID / data	Órgão	Título (hiperligação)	Enquadramento dominante	Modalidade de conteúdo de plataforma
		garante: "Nunca me senti tão confiante"		
C19 2025-08-30	*Nova Gente*	Nelly Furtado - Após críticas, cantora revela: "Tive de tomar medidas legais"	Resposta/aceitação/confiança	P2 - publicação da artista
C20 2025-09-06	*MAGG*	Nelly Furtado reage às críticas após ganho de peso. Saiba o que disse e veja o antes e o depois da cantora	Transformação/comparação temporal	P3 - recontextualização intermedia

Fonte: Elaboração própria

Nota. O corpus é único e definido por critérios de inclusão e exclusão, não por períodos temporais. A ordem cronológica facilita a leitura; os títulos são hiperligações ativas e os identificadores C01–C20 referenciam as peças no texto.

3.2. Modelo de análise, categorias e procedimento de codificação

Para a QI1, definiram-se cinco enquadramentos dominantes: F1 — Aparência/avaliação estética, centrado em beleza ou adequação visual; F2 — Peso/forma física, centrado em quilos, silhueta, curvas ou gravidez inferida; F3 — Transformação/comparação temporal, organizado por diferença, irreconhecibilidade ou "antes/agora"; F4 — Controvérsia/body shaming, dominado por ataques, insultos ou crítica pública; e F5 — Resposta/aceitação/confiança, estruturado pela agência da artista, autoestima, neutralidade corporal, defesa ou medidas legais.

Para a QI2, definiram-se quatro modalidades: P0, sem conteúdo de plataforma relevante; P1, comentários de utilizadores; P2, publicação da artista como fonte primária; e P3, recontextualização intermedia de conteúdo já difundido por outro órgão. São mutuamente exclusivas apenas como classificação dominante: uma notícia pode combinar post, comentários e referência a outro meio. Os mecanismos secundários foram registados na matriz, e a modalidade dominante foi atribuída pela função principal do conteúdo na notícia.

As categorias F1–F5 foram também mutuamente exclusivas apenas no nível dominante. A decisão seguiu quatro regras: identificar o problema central do título e do *lead*; verificar o léxico reiterado; determinar a voz, causa e avaliação predominantes; e observar o desfecho narrativo. Nos casos limítrofes, prevaleceu F4 quando ataque e reação pública estruturavam a peça; F5 quando dominava a agência da artista; F3 quando a comparação temporal era o principal dispositivo; F2 quando peso ou silhueta definiam o problema; e F1 quando beleza ou adequação visual constituíam o critério central.

Tabela 2: Codebook resumido: categorias, definições operacionais e indicadores

Código / categoria	Definição operacional	Indicadores de decisão	Base teórica principal
F1 - Aparência/avaliação estética	Beleza, sensualidade, atratividade ou adequação visual organizam a narrativa.	"bonita", "beleza", "sensualidade", "curvas" como valor estético; elogio ou desvalorização estética.	Goffman, 1974; Entman, 1993; Aubrey, 2010; Gill, 2007
F2 - Peso/forma física	Peso, volume, silhueta, barriga, curvas ou gravidez inferida definem o problema principal.	"quilos", "gorda", "barriga", "curvas avantajadas", "nova silhueta".	Puhl & Heuer, 2009; Kite et al., 2022; Jimenez-Jimenez, 2020; Pussetti, 2021
F3 - Transformação/comparação temporal	A diferença entre passado e presente é o principal dispositivo de sentido.	"diferente", "novo visual", "irreconhecível", "antes e depois".	Entman, 1993; Aubrey, 2010; Binder et al., 2021; Wolf, 1991

Código / categoria	Definição operacional	Indicadores de decisão	Base teórica principal
F4 - Controvérsia/body shaming	Ataques, insultos, gordofobia ou reação depreciativa organizam a peça.	"atacada", "criticada", insultos corporais, defesa de fãs, nomeação de gordofobia.	Smith, 2007; Muir et al., 2021; Ouvrein, 2023; Simões et al., 2022
F5 - Resposta/aceitação/confiança	A agência da artista, autoestima, neutralidade corporal, defesa ou medidas legais estruturam a narrativa.	"amor-próprio", "confiança", "corpo neutro", "cala os críticos", resposta pública.	Cohen et al., 2021; Mancin et al., 2024; Soares & Mazzarino, 2024
P0 - Sem incorporação relevante	Conteúdo de redes sociais online não é matéria substantiva da peça.	Ausência de comentários, posts ou declarações de plataforma como fonte central.	Categoria operacional
P1 - Comentários de utilizadores	A peça transcreve ou parafraseia enunciados de públicos em plataformas.	Comentários do X, Instagram ou outras redes citados como prova de reação.	van Dijck & Poell, 2013; Clark et al., 2021; Muir et al., 2021
P2 - Publicação da artista	Fotografia, legenda ou declaração publicada pela própria artista funciona como fonte primária.	Post de Instagram, mensagem de confiança, fotografias em biquíni, declaração direta.	van Dijck et al., 2018; Cohen et al., 2021; Mancin et al., 2024
P3 - Recontextualização intermedia	Um órgão retoma conteúdo já selecionado e difundido por outro meio e reorganiza-o editorialmente.	"segundo o El Mundo", comentários reportados por outro jornal, citação de peça anterior.	van Dijck et al., 2018; Muir et al., 2021; categoria operacional

Fonte: Elaboração própria

Nota: A codificação foi realizada por um único investigador; não foi, portanto, calculada fiabilidade intercoder

A credibilidade assentou em duas leituras integrais. Na primeira, cada peça foi registada numa matriz com metadados, problema, léxico, vozes e categorias. Na segunda, as decisões foram comparadas transversalmente e os casos limítrofes reavaliados pelas regras hierárquicas. Para cada código conservaram-se excertos, mecanismos secundários e notas de decisão, formando um rasto auditável. Casos contrastantes, como C12 e C13 — o mesmo post com enquadramentos distintos —, testaram a coerência interna do *codebook*.

A reflexividade integrou o controlo de viés. Foi identificada uma potencial questão de posicionamento relativa a duas unidades do corpus; para preservar a revisão cega, os detalhes foram comunicados apenas à editoria. A análise incidiu exclusivamente no texto publicado, aplicou a mesma grelha a todas as unidades e baseou-se em elementos observáveis — título, *lead*, léxico, fontes e estrutura narrativa —, não em memórias de produção. O *codebook* e a matriz de codificação são disponibilizados como material suplementar.

O estudo usa materiais públicos e não envolve participantes nem dados privados. A reprodução de insultos foi limitada aos excertos necessários para demonstrar padrões, e comentários de utilizadores foram analisados apenas enquanto conteúdo já reproduzido pelos órgãos, sem identificação adicional de perfis individuais.

A inteligência artificial generativa OpenAI ChatGPT foi utilizada após a constituição do corpus e a codificação manual, para reorganização editorial, revisão linguística, sistematização descritiva de códigos já definidos e apoio à redação de passagens analíticas. A ferramenta não selecionou unidades, não atribuiu categorias e

não substituiu a interpretação do investigador. Todas as citações, referências, contagens e inferências foram verificadas pelo autor, que assume integral responsabilidade científica pelo manuscrito.

O desenho apresenta limitações: 20 peças em acesso aberto, um período heterogéneo de 15 anos, alterações possíveis na indexação dos websites, caso único, codificador único, análise predominantemente textual e ausência de dados de receção. Estas condições impedem generalização estatística e avaliação do acordo intercoder ou dos efeitos nos públicos, delimitando o trabalho como estudo qualitativo, exploratório e teoricamente orientado.

4. Resultados

4.1. Distribuição geral dos enquadramentos e das modalidades de conteúdo de plataforma

Entre as 20 peças, seis (30%) foram classificadas no enquadramento controvérsia/*body shaming* (F4) e seis (30%) em resposta/aceitação/confiança (F5). Peso/forma física (F2) e transformação/comparação temporal (F3) reuniram três peças cada (15% por categoria), enquanto aparência/avaliação estética (F1) reuniu duas (10%). Assim, 60% do corpus concentra-se nos dois polos que tornam mais visível a tensão entre ataque público e agência da artista. A presença de resposta/aceitação/confiança não elimina a aparência como eixo: a autoconfiança torna-se frequentemente notícia porque responde a um corpo previamente criticado.

Na QI2, seis peças (30%) não incorporam conteúdo de redes sociais online de forma substantiva (P0); duas (10%) usam diretamente comentários de utilizadores (P1); sete (35%) ancoram-se em publicações da artista (P2); e cinco (25%) recorrem a conteúdo previamente mediatizado por outros órgãos (P3). As percentagens referem-se à modalidade dominante e somam 100%; não significam que os mecanismos sejam empiricamente incombináveis. A intensificação das modalidades associadas a plataformas a partir de 2024 assinala a passagem de uma cobertura baseada sobretudo na observação editorial e comparação visual para notícias alimentadas por comentários, fotografias, legendas e declarações em circulação.

A Tabela 3 sintetiza as frequências e percentagens descritivas. A leitura subsequente apresenta sempre a designação substantiva das categorias, mantendo as siglas apenas como referência ao *codebook*.

Tabela 3: Frequências descritivas das categorias dominantes (N = 20)

Dimensão	Categoria	n	%
QI1 - enquadramento	F1 Aparência/avaliação estética	2	10
QI1 - enquadramento	F2 Peso/forma física	3	15
QI1 - enquadramento	F3 Transformação/comparação temporal	3	15
QI1 - enquadramento	F4 Controvérsia/body shaming	6	30
QI1 - enquadramento	F5 Resposta/aceitação/confiança	6	30
QI2 - plataforma	P0 Sem incorporação relevante	6	30
QI2 - plataforma	P1 Comentários de utilizadores	2	10
QI2 - plataforma	P2 Publicação da artista	7	35
QI2 - plataforma	P3 Recontextualização intermedia	5	25

Fonte: Elaboração própria

4.2. Da diferença corporal à comparação temporal: 2010-2023

As primeiras peças constroem o corpo como indício, alteração e diferença. Em C01 (2010), "Rumores de nova gravidez" é sustentado por "alguns quilos a mais" e "curvas mais redondas". A silhueta torna-se evidência biográfica para especular sobre gravidez. O enquadramento dominante é peso/forma física (F2), embora a peça também compare a imagem com aquela a que os fãs estariam habituados. A noticiabilidade nasce menos de um acontecimento confirmado do que da interpretação visual do corpo.

C02 (2015) desloca a especulação para avaliação estética. "Surpreende com curvas" e "look muito diferente do habitual" constroem a aparência como acontecimento e pressupõem uma imagem anterior como norma. A peça foi classificada como aparência/avaliação estética (F1), porque o valor visual da mudança organiza a notícia, embora "curvas" remeta também para forma física. O caso mostra por que a categoria dominante deve considerar a estrutura global, não palavras isoladas.

Em C03 e C04 (2017), a marcação do corpo torna-se mais direta. "Novo visual e uns quilinhos a mais" e "sem vergonha de curvas avantajadas" colocam no título expressões que avaliam o peso e, no segundo caso, associam a exposição corporal a uma expectativa de pudor. C03 e C04 foram classificadas como peso/forma física (F2), porque as "curvas avantajadas" organizam a novidade. A atividade musical surge como cenário para a avaliação da silhueta.

C05, da *Flash!* (2017), intensifica a comparação temporal. "Ela está tão diferente" e o *lead* - "é a sua imagem que está a suscitar grande surpresa" - deslocam o foco do lançamento musical para o corpo. O texto recorda uma imagem anterior marcada por "beleza exótica" e "sensualidade", transformando o passado em padrão de medida. A peça foi classificada como transformação/comparação temporal (F3), porque a diferença entre antes e presente é o mecanismo dominante.

C06 (2023) apresenta uma avaliação positiva - "mais bonita do que nunca" - mas preserva a centralidade estética. A valência muda; o princípio de enquadramento permanece: beleza e aparência funcionam como critério de leitura do regresso público. C06 foi classificada como aparência/avaliação estética (F1) e demonstra que elogio e objetificação não são polos necessariamente opostos.

Em C01-C06, antes da concentração explícita de *body shaming*, o corpo é noticiado sobretudo como diferença, indício e objeto de avaliação, através de comparações com fases anteriores. As plataformas ainda têm pouca função constitutiva: todas estas peças foram classificadas como sem incorporação relevante de plataforma (P0).

4.3. O corpo como controvérsia pública e body shaming: a concentração de 2024

Em 2024 ocorre uma mudança qualitativa: cinco peças em quatro dias (C07-C11) organizam o corpo como controvérsia pública alimentada por comentários depreciativos nas redes sociais. A saliência deixa de residir apenas na mudança visual e passa para ataque, crítica, gordofobia e conflito entre insulto e defesa.

C07, da *MAGG*, constitui um exemplo direto de comentários de utilizadores usados como fonte (P1). O título incorpora "Parece-me gorda e muito grande" e a peça reproduz outros comentários do X. Ao mesmo tempo, qualifica o fenómeno como gordofobia e inclui respostas de fãs. O órgão condena o ataque, mas mantém o insulto em posição de máxima saliência, no título.

C08, do *Correio da Manhã*, anuncia "Corpo de Nelly Furtado duramente criticado. Saiba porquê" e informa que as críticas foram reportadas pelo *El Mundo*. A classificação como recontextualização intermedia (P3) decorre deste acesso mediado: o órgão português reutiliza comentários já selecionados por outro jornal. O novo título condensa o episódio como controvérsia corporal e volta a fixar o corpo como problema.

C09, da Flash!, declara que a artista "volta a ser atacada devido à forma física" e reproduz "Está gorda", "Tem barriga" e "Feia", atribuídos a comentários no Instagram e reportados pelo El Mundo. A notícia acrescenta comparação com 2014 e referências a ginásio e alimentação saudável. Insulto, passado visual e normatividade corporal convergem no enquadramento controvérsia/*body shaming* (F4).

C10, da *ON FM*, recontextualiza a mesma vaga de comentários e apresenta o regresso aos palcos como "turbulento". A pequena variação editorial confirma que uma controvérsia corporal pode ser replicada por sucessivas operações de síntese e reenquadramento.

C11, da *RFM*, apresenta a formulação lexicalmente mais agressiva: "Velha", "gorda", "feia", "barriguda". O texto afirma que algumas pessoas "não mediram as palavras", qualifica os comentários como "ataques cruéis" e termina com condenação da gordofobia. A estrutura é ambivalente: denuncia discriminação, mas agrega e estabiliza os próprios insultos que denuncia.

A comparação de C07–C11 mostra que o enquadramento controvérsia/*body shaming* (F4) descreve mais do que a presença de insultos: identifica uma narrativa em que o problema é a controvérsia corporal, as causas são atribuídas a reações online e a resposta oscila entre defesa da artista, condenação moral e continuação do escrutínio. A lógica aproxima-se das funções de enquadramento propostas por Entman (1993).

A homogeneidade temática convive com operações editoriais distintas. C07 usa comentários diretamente; C08-C11 recorrem sobretudo a material já mediatizado. Assim, a mesma polémica pode chegar ao leitor português por circuitos diferentes, com graus variados de proximidade à fonte original.

A defesa da artista também não retira o corpo do centro. Em C07 e C11, fãs respondem com elogios à beleza ou sensualidade. A valência inverte-se, mas a legitimidade pública continua a ser negociada pela aparência.

As cinco peças evidenciam uma cascata: imagens e comentários gerados em torno de um concerto são selecionados por meios internacionais e depois retomados por órgãos portugueses. A controvérsia cresce através da recirculação editorial, não apenas do volume de comentários originais.

4.4. Autoaceitação, confiança e persistência da comparação em 2025

Em 2025, a voz de Nelly Furtado ganha centralidade e seis peças foram classificadas como resposta/aceitação/confiança (F5). A mudança, porém, não substitui o escrutínio por emancipação; cria uma tensão entre agência da artista e persistência de enquadramentos que continuam a salientar curvas, peso, diferença e comparação.

C12, do *Jornal de Notícias*, ancora-se num *post* de Instagram. "Mostra-se de biquíni para promover aceitação do próprio corpo" liga imagem e mensagem e reproduz "corpo neutro", "pressão estética" e "amor-próprio". Foi classificada como publicação da artista (P2) e resposta/aceitação/confiança (F5), porque a publicação da artista desencadeia a peça e a sua voz organiza o sentido.

O mesmo conteúdo é reenquadrado em C13. A *Flash!* escolhe "exibe as curvas sem vergonhas... só que nem parece a mesma!" e refere "quilinhos a mais". Embora reproduza a mensagem sobre pressão estética e confiança, o dispositivo dominante é a transformação visual. C13 foi classificada como transformação/comparação temporal (F3): o *post* de autoaceitação torna-se prova de diferença corporal. O contraste entre C12 e C13 demonstra que a fonte não determina o enquadramento.

C14, do *Correio da Manhã*, volta a privilegiar a mensagem da artista. "Exibe corpo e fala de amor-próprio e confiança" combina exposição corporal com voz de aceitação. A peça foi classificada como resposta/aceitação/confiança (F5), mas a formulação "exibe corpo" mostra que agência e objetificação podem coexistir na mesma narrativa.

A distinção entre *body positivity* e *body neutrality* é útil aqui. C12 reproduz "corpo neutro", orientado para uma relação menos avaliativa com a aparência; C13 recentra curvas e diferença visual. Os repertórios de aceitação não são, portanto, enquadramentos autónomos: a sua função depende da seleção editorial que os incorpora.

Em agosto de 2025, C15 reabre a controvérsia. O *24Horas* noticia que o corpo foi "atacado por fãs" e que a artista surgiu "irreconhecível", referindo "nova silhueta" e "outras curvas" e reproduzindo comentários de utilizadores. Foi classificada como controvérsia/*body shaming* (F4) e comentários de utilizadores (P1): a reação do público sustenta diretamente a noticiabilidade.

C16, publicada uma semana depois pelo mesmo órgão, inverte a voz dominante. "Nelly Furtado cala os críticos sobre o seu corpo" coloca a artista como agente e reproduz: "Nunca me senti tão bem nem tão confiante na minha pele!". Foi classificada como resposta/aceitação/confiança (F5) e publicação da artista (P2), pois a resposta pública passa a organizar o acontecimento.

C17 e C18 replicam a mesma declaração. O *Correio da Manhã* destaca "Nunca me senti tão confiante"; a *Lux* enquadra a reação às críticas sobre o peso e a felicidade com a imagem atual. Ambas foram classificadas como resposta/aceitação/confiança (F5) e publicação da artista (P2). A repetição mostra como uma frase da artista pode funcionar como unidade noticiosa transorganizacional.

C19 acrescenta conflito jurídico ao noticiar que a artista teve de "tomar medidas legais" contra serviços online que venderam alegações de saúde e beleza sobre ela. Foi classificada como resposta/aceitação/confiança (F5), porque a ação da artista, e não o insulto inicial, domina o texto. A categoria abrange, assim, agência defensiva e não apenas autoestima.

C20, da *MAGG*, fecha o corpus com recontextualização intermedia e ambivalência. O título anuncia reação às críticas e convida a ver "o antes e o depois". O texto cita o *Correio da Manhã* como fonte para declarações já difundidas. A voz de confiança é preservada, mas reinscrita numa lógica comparativa: foi classificada como transformação/comparação temporal (F3) e recontextualização intermedia (P3).

O conjunto de 2025 mostra que mudar a voz não equivale a descentralizar o corpo. Nas peças de resposta/aceitação/confiança (F5), a artista explica, recusa rumores, celebra individualidade e afirma confiança; porém os títulos continuam a invocar biquíni, curvas, peso ou corpo. A agência cresce dentro do mesmo regime de visibilidade.

4.5. Como os conteúdos de redes sociais online entram na notícia

A resposta à QI2 exige distinguir presença de plataformas e função. Nos seis casos sem incorporação relevante de plataforma (P0), não há conteúdo de redes sociais online como matéria substantiva; o corpo é noticiado por observação editorial, fotografia ou comparação. A partir de 2024, conteúdos de plataforma passam a estruturar a notícia.

Nos casos de comentários de utilizadores (P1), estes enunciados de utilizadores são transformados em evidência pública. C07 e C15 retiram enunciados do fluxo original e colocam-nos em sequência, produzindo seleção, condensação e hierarquização. O leitor não vê a totalidade da conversação, mas um conjunto editorialmente escolhido que passa a representar "a reação" ou "os fãs".

Na modalidade publicação da artista (P2), o conteúdo publicado funciona como fonte primária e acontecimento. C12-C14 e C16-C19 mostram que fotografias, legendas e declarações de Instagram sustentam notícias completas. A variação entre transformação/comparação temporal (F3) e res*posta*/aceitação/confiança (F5) prova, porém, que apropriar o mesmo *post* não implica conservar o seu enquadramento de origem.

Na recontextualização intermedia (P3), o circuito é mais longo. C08-C11 e C20 reutilizam conteúdo já selecionado por outros órgãos. Em C09, insultos são citados segundo o *El Mundo*; em C11, a *RFM* atribui a controvérsia a outro jornal; em C20, a *MAGG* recorre ao *Correio da Manhã*. A mediação anterior torna-se parte da genealogia da notícia.

A recontextualização intermedia acumula decisões editoriais: cada nova peça pode alterar título, fotografias, extensão das citações e avaliação moral. O material circula, mas não permanece idêntico; cada órgão reconfigura a sua saliência.

Os dados revelam ainda uma tensão entre crítica ao *body shaming* e reprodução do insulto. C07 e C11 condenam gordofobia e crueldade, mas colocam palavras ofensivas em posições de elevada saliência. A denúncia pode, assim, cumprir função ética e simultaneamente prolongar a circulação da linguagem estigmatizante.

As plataformas também redistribuem agência. Na modalidade comentários de utilizadores (P1), a voz dominante é atribuída a utilizadores; na modalidade publicação da artista (P2), esta recupera capacidade de definir a narrativa; na recontextualização intermedia (P3), o poder de seleção distribui-se entre várias redações. A incorporação de conteúdos de plataforma é, portanto, uma operação jornalística de escolha e recontextualização.

Em síntese, os conteúdos entram nas notícias como prova de reação pública, fonte primária da celebridade e matéria previamente mediatizada. Em todas as modalidades, a redação seleciona, ordena e reenquadra, participando ativamente na construção do caso.

5. Discussão

Os resultados respondem à QI1 mostrando que o corpo de Nelly Furtado é construído como objeto noticioso por operações sucessivas de saliência. Aparência, peso, transformação, controvérsia e resposta funcionam

como molduras dominantes, de acordo com Entman (1993): selecionam aspetos do corpo, definem o que merece atenção e orientam interpretações. A persistência de diferença, curvas, "quilinhos", irreconhecibilidade e comparação confirma também os padrões reiterados discutidos por Gitlin (1980) e os pacotes interpretativos de Gamson e Modigliani (1989).

A predominância da avaliação estética e da forma física aproxima os resultados das distinções de Aubrey (2010) e Binder et al. (2021). A saúde funcional quase não organiza as peças; mesmo quando se invoca bem-estar, o título privilegia aparência, peso ou comparação. À luz de Fredrickson e Roberts (1997), Gill (2007) e Santoniccolo et al. (2023), esta centralidade revela uma relação de poder em que o corpo feminino permanece disponível à observação, à classificação e ao julgamento público.

O diálogo lusófono situa melhor o padrão. A erotização encontrada por Mota-Ribeiro (2002) na publicidade da imprensa feminina portuguesa e a ordem de género analisada por Pinto-Coelho e Mota-Ribeiro (2012) não equivalem às notícias deste corpus, mas convergem na atribuição de valor ao feminino através da aparência. Em C06, por exemplo, o elogio "mais bonita do que nunca" mantém Nelly Furtado sob uma grelha estética: muda a valência, não o princípio de seleção.

A concentração de controvérsia/*body shaming* em 2024 articula estigma de peso, pressão estética, violência simbólica e violência de género. Bourdieu (1989) explica a eficácia de classificações apresentadas como evidentes; Jimenez-Jimenez (2020) associa gordofobia e desautorização da experiência; e Oliveira-Cruz e Isaia (2022) identificam violência estrutural e de género nas representações digitais do corpo feminino. Em Portugal, Simões et al. (2022) mostram que a violência online contra as mulheres é cumulativa e enraizada em desigualdades de género. O corpus revela um mecanismo de amplificação: comentários dispersos tornam-se título, sequência citacional e prova de polémica.

A emergência de resposta/aceitação/confiança em 2025 introduz agência sem garantir descentralização do corpo. Os repertórios de *body positivity* e *body neutrality* podem resistir aos ideais estreitos de beleza (Cohen et al., 2021; Mancin et al., 2024), mas entram numa ecologia editorial capaz de os redirecionar. C12 conserva a proposta de "corpo neutro" da artista; C13 transforma a mesma publicação em prova de diferença visual. Este contraste confirma que a fonte de plataforma não determina o enquadramento jornalístico e aproxima-se da crítica de Pussetti (2021, 2024) aos regimes de aperfeiçoamento que tornam a diferença corporal novamente mensurável.

A QI2 situa o caso nas ecologias mediáticas de van Dijck e Poell (2013) e van Dijck et al. (2018). Converter comentários em evidência, posts em acontecimentos e notícias anteriores em fontes exige seleção e atribuição de saliência. Como mostram Muir et al. (2021), o jornalismo sobre humilhação online pode condenar a prática e recircular o material ofensivo. C07 e C11 concretizam essa ambivalência ao nomearem a gordofobia e destacarem insultos.

O artigo propõe, assim, a noção de circuito de reenquadramento corporal: processo recursivo em que sinais visuais, comentários, publicações pessoais e peças anteriores são transformados em evidência jornalística, recebendo em cada passagem nova hierarquia de vozes, avaliações e temporalidades. A noção articula *framing* e plataformização sem pressupor circulação uniforme, distinguindo incorporação direta, publicação da artista e recontextualização intermedia. Esta constitui a principal contribuição teórica do estudo.

A contribuição metodológica reside na ligação explícita entre teoria, categoria, indicador e regra de desempate. O *codebook* distingue enquadramento dominante de elementos secundários e trata *body positivity* e *body neutrality* como repertórios que podem ser reorganizados por diferentes molduras jornalísticas. A comparação de C12 e C13 demonstra a utilidade dessa opção: duas peças usam o mesmo *post*, mas uma privilegia aceitação e a outra transformação temporal.

As frequências descrevem este corpus intencional e não estimam a prevalência dos enquadramentos na imprensa portuguesa. O valor do estudo é analítico: explicita mecanismos e tensões comparáveis noutros casos.

6. Conclusão

A análise de 20 peças (2010–2025) mostra que a representação do corpo de Nelly Furtado se organiza como tensão entre escrutínio e agência. Controvérsia/*body shaming* e resposta/aceitação/confiança somam 12 peças (60%; seis e 30% em cada categoria); peso/forma física e transformação/comparação temporal reúnem três peças cada (15%); e aparência/avaliação estética, duas (10%). A polarização torna visível o corpo como problema e a sua negociação pela voz da artista.

Quanto às plataformas, sete peças (35%) usam uma publicação de Nelly Furtado como fonte principal, cinco (25%) recorrem a recontextualização intermedia, duas (10%) partem de comentários e seis (30%) não integram conteúdo de plataforma substantivo. As modalidades são exclusivas apenas como classificação dominante: uma notícia pode combinar post, comentários e outro órgão. As contagens indicam a função editorial principal, não a ausência de mecanismos secundários.

Três conclusões ficam ancoradas no corpus. Avaliações opostas podem partilhar centralidade estética: C06 elogia Nelly Furtado, enquanto C03 destaca "quilinhos a mais" (secção 4.2). A denúncia pode amplificar o insulto: C07 nomeia a gordofobia e C11 a crueldade, mas ambos salientam expressões ofensivas (secção 4.3). Finalmente, a autoaceitação pode ser reinscrita na comparação: C12 preserva o "corpo neutro", ao passo que C13 e C20 reativam diferença e "antes e depois" (secção 4.4).

O contributo inovador face à investigação portuguesa consiste em ligar representação feminina, jornalismo de celebridades, plataformas e recirculação intermedia. Aos estudos sobre erotização, heteronormatividade e violência online (Mota-Ribeiro, 2002; Pinto-Coelho & Mota-Ribeiro, 2012; Simões et al., 2022), acrescenta-se a análise de como comentários se tornam evidência, posts acontecimentos e notícias fontes. Sustentado pelo enquadramento e pela plataformização (Entman, 1993; van Dijck & Poell, 2013; van Dijck et al., 2018), o circuito de reenquadramento corporal explicita essa contribuição teórica.

A conclusão central não é que a agência de Nelly Furtado seja anulada, mas que ela é negociada dentro do mesmo regime que tornou o seu corpo permanentemente noticiável. Dar voz à artista pode produzir resistência; titular essa resistência por meio de curvas, peso, biquíni ou comparação pode recentrar o olhar que ela procura deslocar. O jornalismo digital atua, assim, como mediador ativo da controvérsia corporal: seleciona vozes, estabiliza léxico, constrói continuidades temporais e redistribui visibilidade.

O alcance é limitado pelas 20 peças, pelos 15 anos heterogéneos, pelo caso e codificador únicos, pela ausência de análise visual sistemática e de dados de receção. Estudos futuros deverão estratificar corpora

por meio e período, comparar mulheres e homens celebrizados, testar o *codebook* com codificadores independentes, integrar imagens e títulos, reconstruir redes de circulação e estudar a receção. Assim será possível avaliar a transferibilidade do circuito de reenquadramento corporal para outros casos lusófonos.

Agradecimentos / Financiamento
O autor não recebeu qualquer apoio financeiro para esta investigação.

Conflito de interesses
O autor declara não ter qualquer conflito de interesses.

Declaração ética
Este estudo foi realizado de acordo com os princípios da investigação científica e não exigiu aprovação adicional por parte de um comité de ética.

Declaração de uso de IA
Foi utilizada inteligência artificial generativa (OpenAI ChatGPT) após a constituição do corpus e a codificação manual, para apoio à reorganização editorial, revisão linguística, sistematização descritiva de categorias previamente definidas e redação de passagens analíticas. A ferramenta não selecionou o corpus nem atribuiu códigos. Todas as fontes, citações, contagens e interpretações foram verificadas pelo autor, que assume integral responsabilidade científica pelo conteúdo.

Disponibilidade dos dados
Os dados que sustentam as conclusões deste estudo estão disponíveis mediante pedido.

Contribuição do autor
O autor é o único responsável pela concepção, investigação, redacção e revisão deste manuscrito.

Referências

Aubrey, J. S. (2010). Looking good versus feeling good: An investigation of media frames of health advice and their effects on women's body-related self-perceptions. *Sex Roles, 63*(1), 50-63. https://doi.org/10.1007/s11199-010-9768-4

Binder, A., Noetzel, S., Spielvogel, I., & Matthes, J. (2021). "Context, please?" The effects of appearance- and health-frames and media context on body-related outcomes. *Frontiers in Public Health, 9*. Article 637354. https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.637354

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Difel.

Brown, Z., & Tiggemann, M. (2022). Celebrity influence on body image and eating disorders: A review. *Journal of Health Psychology, 27*(5), 1233-1251. https://doi.org/10.1177/1359105320988312

Chocano, C. (2020). *Mulheres imperfeitas: Hollywood, cultura pop e a construção dos falsos estereótipos femininos no mundo moderno* (M. Argel & H. M. Neto, Trads.). Cultrix. (Obra original publicada em 2017).

Clark, O., Lee, M. M., Jingree, M. L., O'Dwyer, E., Yue, Y., Marrero, A., Tamez, M., Bhupathiraju, S. N., & Mattei, J. (2021). Weight stigma and social media: Evidence and public health solutions. *Frontiers in Nutrition, 8*. Article 739056. https://doi.org/10.3389/fnut.2021.739056

Cohen, R., Newton-John, T., & Slater, A. (2021). The case for body positivity on social media: Perspectives on current advances and future directions. *Journal of Health Psychology, 26*(13), 2365-2373. https://doi.org/10.1177/1359105320912450

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication, 43*(4), 51-58. https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x

Fredrickson, B. L., & Roberts, T.-A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly, 21*(2), 173-206. https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x

Furtado, N. [@nellyfurtado]. (2025, January 5). *Have a body neutral 2025, but most importantly, love with every inch of your heart* [Photographs]. Instagram. https://www.instagram.com/p/DEcgyN-Rfge/

Gamson, W. A., & Modigliani, A. (1989). Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach. *American Journal of Sociology, 95*(1), 1-37. https://doi.org/10.1086/229213

Gill, R. (2007). *Gender and the media*. Polity.

Gitlin, T. (1980). *The whole world is watching: Mass media in the making and unmaking of the New Left*. University of California Press.

Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harper & Row.

Jimenez-Jimenez, M. L. (2020). Gordofobia: Injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Epistemologias do Sul, 4*(1), 144–161. https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643

Kite, J., Whitelock, E., Diedrichs, P. C., & Barlow, F. K. (2022). Influence and effects of weight stigmatisation in media: A systematic review. *EClinicalMedicine, 48*. Article 101464. https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2022.101464

Krippendorff, K. (2018). *Content analysis: An introduction to its methodology* (4th ed.). SAGE.

Lazar, M. M. (2007). Feminist critical discourse analysis: Articulating a feminist discourse praxis. *Critical Discourse Studies, 4*(2), 141–164. https://doi.org/10.1080/17405900701464816

Mancin, P., Vall-Roqué, H., Grey, W., Griffiths, S., & Bonell, S. (2024). Let's talk about body neutrality: Content analysis of #bodyneutrality on TikTok. *Journal of Eating Disorders, 12*. Article 199. https://doi.org/10.1186/s40337-024-01163-0

Mota-Ribeiro, S. (2002). Corpos eróticos: Imagens da mulher na publicidade da imprensa feminina portuguesa. *Cadernos do Noroeste, 17*(1–2), 145–164. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5307

Muir, S. R., Roberts, L. D., & Sheridan, L. P. (2021). The portrayal of online shaming in contemporary online news media: A media framing analysis. *Computers in Human Behavior Reports, 3*. Article 100051. https://doi.org/10.1016/j.chbr.2020.100051

Neuendorf, K. A. (2017). *The content analysis guidebook* (2nd ed.). SAGE.

Novotný, J. S., Kvintová, J., Váchová, L., Szotkowski, R., Kopecký, K., & Romero-Rodríguez, J.-M. (2025). Exploring the negative consequences of online body shaming: A study of Czech adolescents. *Journal of Child and Family Studies, 34*, 1268-1282. https://doi.org/10.1007/s10826-025-03032-z

Oliveira-Cruz, M. F., & Isaia, L. S. (2022). Da pressão estética à gordofobia: Violências nos memes em tempos de pandemia de COVID-19. *Contracampo, 41*(1), 1–17. https://doi.org/10.22409/contracampo.v41i1.52790

Ouvrein, G. (2023). Celebrity appearance-shaming: Innocent bashing forms or reconfirming gender norms? A study into the explanations of adolescents' celebrity appearance-shaming intentions. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace, 17*(2), Article 3. https://doi.org/10.5817/CP2023-2-3

Pinto-Coelho, Z., & Mota-Ribeiro, S. (2012). O reino do casal heterossexual na publicidade: Uma análise sociosemiótica das estratégias visuais e das inscrições discursivas. *Comunicação e Sociedade, 21*, 205–214. https://doi.org/10.17231/comsoc.21(2012).709

Puhl, R. M., & Heuer, C. A. (2009). The stigma of obesity: A review and update. *Obesity, 17*(5), 941-964. https://doi.org/10.1038/oby.2008.636

Pussetti, C. (2021). Regimes de beleza entre privilégios e desigualdades estruturais. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação, 25*, Article e210287. https://doi.org/10.1590/interface.210287

Pussetti, C. (2024). *Be fu**ing perfect: À procura da perfeição*. Etnográfica Press.

Rao, A., Puhl, R. M., & Farrar, K. (2024). Weight stigma in online news images: A visual content analysis of stigma communication in the depictions of individuals with obesity in U.S. and U.K. news. *Journal of Health Communication, 29*(2), 95-106. https://doi.org/10.1080/10810730.2023.2286512

Sanches, R. D. (2023). Mortes de mulheres por cirurgias estéticas: Um estudo sobre a força patogênica das imagens midiáticas. In I. C. Borges, R. Chiachiri, R. Jimenes, & S. F. C. Barbosa (Eds.), *Saúde, mídia e comunicação* (Vol. 1, pp. 261–280). CdeA Campos Editora.

Santoniccolo, F., Trombetta, T., Paradiso, M. N., & Rollè, L. (2023). Gender and media representations: A review of the literature on gender stereotypes, objectification and sexualization. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 20*(10), Article 5770. https://doi.org/10.3390/ijerph20105770

Saunders, J. F., Stephens, D. P., & Case, K. A. (2025). The relationship between celebrities and body image ideals among Hispanic and Black women. *Feminist Media Studies*. Advance online publication. https://doi.org/10.1080/14680777.2025.2564859

Schlüter, C., Kraag, G., & Schmidt, J. (2023). Body shaming: An exploratory study on its definition and classification. *International Journal of Bullying Prevention, 5*(1), 26-37. https://doi.org/10.1007/s42380-021-00109-3

Simões, R. B., Amaral, I., Santos, S., & Alcantara, J. (2022). Violência online contra as mulheres: Relatos a partir da experiência da pandemia da COVID-19. *Comunicação e Sociedade, 42*, 179–203. https://doi.org/10.17231/comsoc.42(2022).3981

Smith, R. A. (2007). Language of the lost: An explication of stigma communication. *Communication Theory, 17*(4), 462-485. https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2007.00307.x

Soares, A. C. R., & Mazzarino, J. M. (2024). A violência de gênero como estopim e as redes sociais como propulsoras da quarta onda feminista no Brasil. *Comunicação & Sociedade, 44*(1), 107–148. https://doi.org/10.15603/2176-0985/cs.v44n1p107-148

Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. SAGE.

Vandenbosch, L., Fardouly, J., & Tiggemann, M. (2022). Social media and body image: Recent trends and future directions. *Current Opinion in Psychology, 45*. Article 101289. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.12.002

van Dijck, J., & Poell, T. (2013). Understanding social media logic. *Media and Communication, 1*(1), 2-14. https://doi.org/10.17645/mac.v1i1.70

van Dijck, J., Poell, T., & de Waal, M. (2018). *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford University Press.

Wolf, N. (1991). *O mito da beleza* (O. Gameiro, Trad.). Difusão Cultural. (Obra original publicada em 1990).